

EDUCAÇÃO COMO ARTE: REFLEXÕES KANTIANAS SOBRE INFÂNCIA E PEDAGOGIA

EDUCATION AS ART: KANTIAN REFLECTIONS ON CHILDHOOD AND PEDAGOGY

Adan Renê Pereira da Silva 1
Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas 2

Resumo: O presente estudo objetiva discutir a obra kantiana *Sobre a Pedagogia*, com foco na educação como arte. Entende-se ser Kant um clássico, ou seja, seus pensamentos atravessam tempo e espaço, trabalhando filosoficamente questões como educação, infância, corpo infantil e mesmo a arte. Para isso, além da revisão da obra citada, foram debatidos comentadores, de modo a enriquecer a discussão. Os resultados mostraram a atualidade do pensamento kantiano, evidenciando a educação como arte pela sua finalidade de "hominização", por seu desvelamento como arte de educar e como arte da educação. Concluiu-se pela necessidade da constante reflexão que a prática pedagógica requer, o que implica pensar sobre infância, corpo do infante e a própria educação. Fundamental a crítica kantiana e da filosofia como um todo para a não naturalização de conceitos, bem como a percepção de que a finalidade da educação necessariamente a implica como arte.

Palavras-chave: Kant. Filosofia. Educação. Arte. Infância.

Abstract: The present study aims to discuss the Kantian work *About Pedagogy*, focusing on education as art. It is understood to be a classic Kant, meaning his thoughts go through time and space, philosophically working issues such as education, childhood, children's body and even art. For this, in addition to the review of the work cited, commentators were discussed in order to enrich the discussion. The results showed the relevance of Kantian thought, evidencing education as art for its purpose of "hominization", for its unveiling of value as an art of education and as an art of education. It was concluded by the necessity of the constant reflection that the pedagogical practice requires, which implies thinking about childhood, body of the infant and the education itself. Fundamental to Kantian criticism and philosophy as a whole for the non-naturalization of concepts, as well as the perception that the purpose of education necessarily implies it as art.

Keywords: Kant; Philosophy; Education; Art, Childhood.

1 Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em História da Saúde na Amazônia pela FIOCRUZ-AM. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (turma 2012-2013). Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (turma 2016-2020). Servidor federal de carreira na Universidade Federal do Amazonas e na Secretaria Estadual de Saúde - SUSAM. No campo de ensino, tem experiência na graduação e na pós-graduação. No âmbito assistencial, tem experiência no atendimento com famílias em situação de vulnerabilidade, atendimento clínico adulto e infantil e assistência estudantil. Tem interesse por temas como cultura e identidade, psicologia clínica, assistência estudantil e drogadição/dependência química. E-mail: adansilva.1@hotmail.com

2 Graduação em Pedagogia - Supervisão escolar e magistério pela Universidade Federal de Rondônia (1987) e doutorado em Diagnóstico e avaliação educativa-psicopedagogia pela Universidade da Coruña (2004, revalidado e registrado pela UNB). Concluiu estágio de pós-doutoramento com ênfase em Psicologia Escolar pela Universidade do Minho (2005). É professora DE na Universidade Federal do Amazonas- Campus do Vale do Rio Madeira - Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente - IEAA - Humaitá (2006). Coordena grupos de pesquisas UFAM/CNPq (2006), dirige periódicos vinculados aos grupos de pesquisa que lidera: Revistas Educamazônia (2008-atual) e Revista AMAzônica (2008-atual). Coordenou diversos projetos de pesquisas apoiados pelo CNPq e FAPEAM, colabora com programas de pós-graduação da UFAM, núcleos de estudos e pesquisas da UFAM, eventos científicos, projetos de extensão universitária e outras atividades acadêmicas. E-mail: Suelynm@ufam.edu.br

Introdução

A educação como parte da socialização humana é tema há muito discutido pela literatura no campo das ciências sociais (DURKHEIM, 1973; DURKHEIM, 1974; CANIVEZ, 1991; MULLER, 2008). Isso implica pensar situações que se mostram desafiadoras ao processo educativo, especialmente para docentes do ensino básico, por serem aqueles que apresentarão o universo educativo aos infantes. Dentre essas situações desafiadoras, talvez a principal seja pensar sobre o sujeito a quem se destina o ensino, a criança: Quem é ela? Como deve ser educada? Que relação existe entre o corpo desse sujeito e o que ela aprende? Questões como as citadas carecem de reflexão, posto que influenciadoras de como tendem a se relacionar professores e alunos.

Para pensar tais questões, a educação, enquanto terreno interdisciplinar, utiliza-se de múltiplos referenciais e saberes. Um deles, dada sua importância e sua capacidade de gerar reflexões em torno de questionamentos, é o filosófico. Pela amplitude desse campo, esmerou-se em trazer para o debate um pensador que pudesse contribuir com a missão filosófica do indagar-se. Escolheu-se, então, Kant, representante da filosofia moderna e autor de uma obra, em especial, que analisa processos pedagógicos nos padrões preconizados para o artigo.

Por intuir-se dialogar com a educação com foco no escopo desse dossiê, objetivou-se delimitar a discussão kantiana sobre a educação como arte. Para tanto, privilegiou-se a obra *Sobre a pedagogia*, em que o tema é aprofundado e o filósofo debruça-se sobre questões da educação e da infância. Entende-se a importância desse trabalho por ser Kant um clássico, ou seja, seus pensamentos atravessam tempo e espaço, tornando a leitura sempre atual, bem como pelos sentidos atribuídos filosoficamente à educação, especialmente como arte. Kant também trabalha questões específicas ligadas ao corpo infantil, o que torna seu trabalho ainda mais rico e, para educadores, de fundamental importância, já que não se pode conceber processos educativos que desfoquem da integralidade do ser.

A obra *Sobre a pedagogia* é resultado de um curso desenvolvido por Kant na Universidade de Königsberg e divulgado postumamente por Theodor Rink. O objetivo é refletir sobre a pedagogia, mas, o filósofo, para alcançá-lo, acabou tangenciando questões como a arte, infância e corporeidade. Refletindo sobre a importância do tema, Perine (1987, p. 9) expõe:

[...] além da atualidade que o momento lhe confere, o tema (e a tarefa) da educação é daqueles que, como a filosofia, uma vez fundados, não cessam mais de ser engendrados no espírito de qualquer um que aceitou e escolheu o risco de ser humano no mundo que, desde que o mundo é mundo, precisa ver realizada a *tarefa do homem* para ser o que ainda não é: mundo humano (grifos no original).

De modo geral, a obra divide-se em três momentos: uma introdução, reflexões sobre a educação física e reflexões sobre a educação prática. A exposição aqui empreendida versará sobre os dois primeiros. Na Introdução, sobressaem aspectos gerais da obra, principalmente os conceituais, os quais ajudam a visualizar como o autor desenvolverá o argumento da educação como arte e quais as atividades a serem desempenhadas na infância, retirando, desse panorama geral, aspectos concernentes ao escopo desse artigo. A seguir, analisou-se a discussão em torno da educação física (segunda parte), por ser onde o filósofo entrelaça o conceito com o de arte e toca em aspectos como o corpo da criança e sua relação com o aprendizado.

A terceira parte não foi aprofundada nesse texto, pelo fato de o filósofo tratar aspectos que não são condizentes com o foco de nossa análise. Para entender melhor, utiliza-se o próprio Kant e o que ele enfatizará na terceira parte, a educação prática (2011, p. 34):

A pedagogia, ou doutrina da educação, divide-se em *física* e *prática*. A educação *física* é aquela que o homem tem em comum com os animais, ou seja, os cuidados com a vida corporal. A educação *prática* ou *moral* (chama-se *prático* tudo o que se refere à liberdade) é aquela que diz respeito à construção (cultura) do homem, para que possa viver como um ser livre [...] (grifos do autor).

Como a finalidade do artigo é trazer a discussão kantiana sobre a educação como arte e, para tanto, desenvolver também conceitos como infância e corporeidade, enfatizaram-se a primeira e a segunda partes da obra. Tal recorte foi feito pelo entendimento de que a terceira versa sobre a educação prática ou moral, pensando mais aspectos culturais.

Entendeu-se que a melhor forma para expor os achados seria em dois momentos: uma revisão de autores que já refletiram sobre Kant, ajudando a contextualizar a obra e o pensamento do autor, e seguir com a reflexão da obra em si.

Pensando o autor e a obra *Sobre a pedagogia*: o que dizem os comentadores?

Para Perine (1987), em clássico artigo de revisão da educação como arte em Kant, a bibliografia acerca do filósofo é imensa e não para de aumentar. Talvez o principal motivo para isso seja de ordem filosófica: Kant é o “mais antigo contemporâneo filosófico” (p. 9), com sua produção girando em torno de três eixos: compreensão de nós mesmos, compreensão do próprio Kant - que origina a modernidade do pensamento - e compreensão da própria modernidade em que estamos inseridos, inclusive quando questionamos sua existência (ou não).

No tocante à obra, Fontanella (2011) explica que *Sobre a pedagogia* é uma produção da segunda metade do século XVIII, sintética e de rápida escrita. Para ele, Kant é um iniciante da visão do homem integral, ou seja, não cindido, no que tange à relação mente e corpo. Tais informações ajudam a situar a obra em seu contexto histórico-social, além de ajudar a compreender um dos principais pontos de partida para a escrita kantiana.

Já Menezes e Boto (2014) pensam ser importante enfatizar o fato de o texto ter sido divulgado postumamente por Theodor Rink, aluno e biógrafo de Kant, com base em notas e apontamentos que versam sobre questões pedagógicas. Tais notas e apontamentos são reflexões kantianas sobre a educação, bastante influenciadas pelo pensamento de outro grande filósofo, Jean Jacques Rousseau e pelo espírito iluminista. Entre outras questões, Kant desnuda a questão moral embutida no ato de ensinar, a qual realiza a passagem da natureza para a humanidade, por meio de alguns amadurecimentos: do juízo, da infância e da juventude, os quais desprendem-se do individualismo e adequam-se a uma vida em sociedade.

Perine (1987) também considera importante destacar que a obra foi um manuscrito, apontando os períodos em que se originou nos cursos na Universidade de Königsberg: semestre de inverno 1776-1777, semestre de verão de 1780, semestre de inverno agora de 1783 e 1784 e, finalmente, semestre de inverno de 1786-1787.

Em Kant, a educação deve ter um viés prospectivo, visando ao futuro e dando ao educando condições de sair do status em que se encontra. Pensando em um homem com autonomia e capaz de construir-se moralmente, a natureza acaba necessitando ser superada (MENEZES; BOTO, 2014). Nesse sentido, para os autores (2014, p. 446):

Em *Sobre a Pedagogia*, Kant realça a transformação da animalidade em Humanidade como tarefa precípua da ação educativa. Por não ser submetido necessariamente a instintos, por ser capaz de se afastar das próprias inclinações, o homem constrói a autonomia de sua identidade. Nessa condição, ele trilhará sua relação com o futuro. Antes que ele esteja, porém, apto a pensar por si próprio, outros farão isso. Cumprirá ao adulto educador preservar a criança da animalidade que lhe é intrínseca, com o fito de que ela não venha a fazer uso nocivo de suas próprias forças. Ser selvagem – argumenta Kant – é ser independente de qualquer lei. Caberá às gerações adultas proceder, frente às mais jovens, inculcando-lhes hábitos de disciplina, com o intuito de transformar em face humana a dimensão animal que caracteriza o ser. De alguma maneira, a escola servirá, dentre outras coisas, também para isso.

Sobre a concepção kantiana de infância, Menezes e Boto (2014) salientam que uma das principais evidências da dívida do pensamento kantiano ao pensamento de Rousseau será o fato de

o primeiro trabalhar suas concepções quase que literalmente em torno das concepções do segundo. Talvez a principal dessas concepções seja a ideia da “improcedência de os adultos se dobrarem aos desejos e impulsos imediatos das crianças e, em vez de dirigir suas vontades, cederem frente a todos os anseios infantis” (p. 449). Nesse sentido, a criança precisa ser negada em seus desejos espontâneos para que possa, inicialmente, ser disciplinada e, a seguir, moralizada.

Afinal, é a disciplina do corpo e da mente que possibilita qualidades como autodomínio, capacidade de resistir aos instintos e de controlar emoções. Disciplina e moralização caminharão lado a lado, ainda que sendo processos diferentes. Para Menezes e Boto (2014, p. 449), “o discernimento construído mediante exercício de reflexão sobre máximas inscritas em suas ações levará a criança a progressivamente formar os alicerces de seu caráter”. Nesse sentido, à mesma página, os autores destacarão um elemento-chave para que o ideal kantiano seja atingido, a obediência:

Não se poderá cobrar da infância a consistência que se pode exigir da idade madura. Crianças são aprendizes. Por isso, há de se valorizar o elemento da obediência a normas, como expressão de suas atitudes. Obedece-se, em primeira instância, à vontade absoluta de um governante legitimamente constituído. No momento seguinte, a obediência ocorrerá pela identificação com a razoabilidade da norma expressa pelo adulto educador. No primeiro caso, a obediência deriva exclusivamente da autoridade; no segundo, deriva também da confiança. Ambos os tipos de obediência são indispensáveis para a formação da criança.

Wendt (2012) também situa a disciplina enquanto parte do processo educativo para moralização do sujeito. Entretanto, o autor pontua que disciplina não se confunde com autoritarismo:

A ideia de autoritarismo é, por diversos momentos, confundida como exercício da disciplina, seja ela política, militar, jurídica, ou ainda educacional, e aqui incorre um dos grandes problemas pedagógicos. Na verdade, autoritarismo e disciplina residem, segundo a pedagogia de Kant, nos dois extremos do processo pedagógico, pois o uso despótico da disciplina não conduz à autonomia, impedindo, neste sentido a visualização dos estreitos laços que unem a educação com a formação moral dos sujeitos. Deste modo, o esclarecimento da ideia de disciplina vem carregado do desejo de demonstrar como ela é condição necessária, na educação, para auxiliar na condução à autonomia dos sujeitos enquanto agentes morais. Ao educar moralmente uma criança se está despertando a consciência de que a lei moral reside no infante mesmo. Isto dá a possibilidade de criar-se através da educação sujeitos morais e autônomos (WENDT, 2012, p. 16).

É interessante captar, com Wendt (2012), que a educação vista por Kant possuirá uma finalidade, qual seja, um ideal geral de sociedade, no qual os indivíduos estejam em constante evolução. Não se pode esquecer, com esse intuito, o que já foi gestado pelas gerações passadas, trazendo para a atual o cabedal de ideais das precedentes. Esse ponto abrirá espaço para pensar a educação como arte, ponto a ser melhor discutido no próximo tópico.

Assim, ao finalizar esse primeiro debate, pôde-se situar o pensamento kantiano e fazer um pequeno giro, com foco em uma hermenêutica teleológica e histórico-crítica do pensamento do filósofo de Königsberg. Acredita-se que, com tal empreendimento, o leitor possa avançar a leitura e compreender, a seguir, a obra sob a égide, precipuamente, da arte.

Sobre a pedagogia: reflexões em torno da arte, infância e corpo.

Refletindo sobre como as ideias vão sendo apresentadas na obra em comento, concorda-se com Perine (1987), para quem a introdução de *Sobre a Pedagogia* é onde se percebe propriamente a discussão filosófica de Kant. Para ele, as demais partes da obra expõem a experiência pedagógica do filósofo e de seu amplo repertório cultural das tradições pedagógicas de Basedow e de Lutero. Perine (1987) também enfatizará a herança rousseauiana, de quem Kant explora a descoberta da infância como período da vida.

Na Introdução, Kant salienta o fato de o ser humano ser a única espécie a precisar ser educada, entendendo-se por educação o cuidado com a infância, a disciplina e a instrução com a formação. Os pais necessitam cuidar das crianças para que estas não façam mau uso de suas forças.

Nesse sentido, fundamental a disciplina. É ela que, para Kant, fará a passagem da animalidade para a humanidade. O homem gosta tanto da liberdade, que, se a ela acostumar-se, tudo por ela fará. A disciplina torna-se, assim, impeditiva de que o homem saia do próprio destino, da humanidade, por compartilhar também da animalidade, o que tende a deixá-lo na selvageria. Se a disciplina acaba por ser negativa, a instrução seria a parte positiva. Por isso, há de se pensar a função da escola (KANT, 2011, p. 13):

[...] as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas não sigam, de fato e imediatamente, cada um de seus caprichos.

Assim, vital ao homem duas coisas: cuidados e formação. Isso redundaria naquilo que, para Kant, torna o homem verdadeiramente um homem: a educação. O homem é resultado da educação, ou, nas palavras de Kant (p. 14), “ele [o homem] é aquilo que a educação faz dele”. Somos movidos por uma teleologia, um fim a ser alcançado, o que não pode ser obtido sem um autoconceito (o que é ser homem e o que é ser mulher?). É necessário educar.

Essa educação é algo além de mera imitação, já que os exemplos são vistos de forma descontinuada – por exemplo, os filhos não acompanham continuamente os pais, logo, não podem imitá-los o tempo inteiro. Precisa ser buscada pelo coletivo social. Daí uma primeira aproximação de Kant entre a educação e a arte: enquanto arte, a educação é prática e aperfeiçoamento pelas gerações. Há de se buscar um valor, que, para o filósofo, é o bem, ou seja, “[...] educar-se e, quando se é mau, produzir em si a moralidade: eis o dever do homem” (p. 19).

Portanto, para que atinja seus objetivos, a educação precisa avançar gradualmente, a partir do trabalho das gerações anteriores. Sendo necessária para desenvolver o homem, “toda educação é uma arte” (p. 21), devendo ser raciocinada, desenvolvida pela pedagogia, para que o homem consiga cumprir seu destino. Outra marca da educação é sua necessidade de ser orientada para o futuro e de modo universal. Kant chega mesmo a afirmar que a educação é a origem de todo o bem. Para o filósofo (2011, p. 22):

Um princípio de pedagogia, o qual, mormente, os homens que propõem planos para a arte de educar deveriam ter ante os olhos, é: não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e de sua inteira destinação.

São metas que o homem pode atingir pela educação: ser disciplinado, tornar-se culto, prudente e moralizado. Para tanto, o autor pensa que não é suficiente treinar as crianças, é urgente que elas aprendam a pensar, aprendendo a “[...] odiar o vício por virtude, não pela simples razão de que Deus o proibiu [...]” (p. 27). Para tanto, a educação privada (oriunda da família) e a pública (Estado) precisam estar articuladas. Os institutos públicos aperfeiçoariam a educação recebida em casa, sendo mais vantajosa, tanto pelo desenvolvimento de habilidades, quanto pelo respeito ao caráter que deve possuir um verdadeiro cidadão. À infância caberiam dois momentos da arte educativa:

O primeiro período para o educando é aquele em que deve mostrar sujeição e obediência passivamente; no segundo, é-lhe permitido usar sua reflexão e sua liberdade, desde que submeta um e outra a certas regras. No primeiro período, o constrangimento é mecânico; no segundo, é moral (KANT, 2011, p. 30).

A educação deveria ir até aproximadamente os 16 anos, quando se desenvolve o instinto sexual e o homem passa a ter autodomínio. A partir daí, o ideal é que o homem torne-se pai, passando a reproduzir o ciclo. E como educar a criança?

Kant trabalhará com um conjunto de três regras: a criança precisa ser livre desde a primeira infância, desde que não impeça a liberdade alheia; deve-se mostrar a ela que pode conseguir seus objetivos, desde que dando liberdade também a outras pessoas e, por fim, salientar ao infante que as restrições que a ela são postas visam ao bom ensino que possam fazer de sua liberdade, dispensando, no futuro, os cuidados que hoje lhe são fornecidos.

Uma experiência corporal não passará despercebida aos olhos de Kant, a do sexo. Para ele (2011, p. 34): “Há ainda uma dificuldade que não deve ser aqui esquecida, e refere-se à experiência precoce do sexo, a fim de preservar do vício os adolescentes, antes da idade madura”.

Passando-se ao próximo tópico, em *Sobre a Educação Física*, Kant (2011, p. 37) define essa educação como aquela que consiste “propriamente nos cuidados materiais prestados às crianças ou pelos pais ou pelas amas-de-leite ou pelas babás”. Nesse tópico, muitos pontos interessantes são levantados sobre infância, corpo e educação: amamentação, temperatura corporal adequada, agasalhamento, choro, se se deve embalar bebês, uso de brinquedos e brincadeiras, entre outros. Assim, apresentam-se os pontos principais da relação empreendida pelo autor.

Kant defende o aleitamento materno tal como, inclusive, nos moldes hoje preconizados: “[...] é muito vantajoso para a criança e para a mãe que ela própria a amamente” (p. 37). Passeando por mitos à época vigentes (“quando a mãe ou a ama-de-leite se alimenta por algum tempo exclusivamente de vegetais, seu leite coalha como a de uma vaca, por exemplo”, p. 38), Kant discute-os e fornece um panorama de como deve se dar a relação da criança com seu corpo em desenvolvimento, mediado, principalmente, pelos pais.

Alguns exemplos desse panorama são: “tenha-se igualmente o cuidado de não dar aos bebês bebidas e alimentos muito quentes, porque tudo isso os enfraquece” (p. 40); “[...] a cama dos infantes deve ser fresca e dura. Os banhos frios também são bons” (p. 40); “[...] se nós transformamos os bebês como que em múmias, é somente para nossa comodidade, isto é, para evitarmos a chateação de impedir que eles fiquem defeituosos [...]” (p. 41); “[...] contudo, em geral, o embalar o bebê de nada serve. Prejudica a criança ser balanceada de um lado para outro” (p. 42). Crê-se que o importante a ser destacado é como Kant preconiza regras para que a criança possa crescer saudavelmente, considerando como o corpo infantil imbrica-se nesse processo, sendo o primeiro local de cuidado para que o ser humano possa crescer saudavelmente, podendo desenvolver-se em sua plenitude.

Kant recomenda que se deixe a criança chorar, que não se cedam aos caprichos da infância e dá conselhos quanto à educação moral do menor. Interessante perceber a importância que dá ao comportamento dos adultos para que se desenvolva uma criança não dissimulada. É o que se pode verificar à página 45:

Assim, por exemplo, para citar apenas um caso, é algo estranho que alguns pais, depois de terem batido com a vara em seus filhos, exijam que depois lhes beijem as mãos. É propriamente acostumá-los à dissimulação e à falsidade. Os golpes não são, pois, um belo presente pelo qual alguém possa mostrar-se agradecido; e pode-se imaginar facilmente com que coração a criança beija a mão de quem lhe bateu!

Com ênfase no conceito de “natural”, Kant aconselha que se deixe a criança engatinhar até que comece a andar. Pensa que as quedas infantis são processos normais do período que ajuda a criança a usar determinadas partes do corpo, como as mãos. Também pensa que o infante deve

aprender a escrever por si mesmo e que, em caso de deformações corporais, “A melhor coisa é que a criança se exercite por si mesma e assuma uma posição, ainda que incômoda para ela, pois que qualquer aparelho é inoperante” (p. 47).

Tais exemplos levar-nos-ão a concluir, com o filósofo, que “as crianças devem ser instruídas apenas naquelas coisas adaptadas à sua idade” (p. 82). Para Kant, quando a criança quer fazer coisas que não seriam apropriadas ao mundo infantil, podem tornar-se “afetadas”, conceito que não esmiúça, mas que se pode inferir pelo contexto, que seria tentar viver uma realidade que não é sua, passando uma imagem irreal de si mesma.

Pensa-se que as pontuações em torno de como Kant pensa a infância, o corpo infantil e o próprio processo pedagógico já foram devidamente esmiuçadas. Entretanto, especificamente no campo da arte, algumas reflexões se fazem necessárias, já que apenas mostramos algumas considerações propedêuticas. O conceito aparece na obra como uma decorrência de a educação ser construída por homens e mulheres. Menezes e Boto (2014) salientam, inclusive, que seria uma das mais difíceis atividades artísticas de que dispõe o ser humano em suas habilidades, já que não há instinto para desenvolvê-la.

Nesse sentido, para Perine (1987), pensar a educação com arte se dá, por um lado, pela implicação da liberdade como prática, estando em uníssono com a filosofia crítica kantiana, por outro, como contraponto à ciência. Explicando o tema, o autor (1987, p. 17):

Na terceira *Crítica*, Kant diz que a *arte*, enquanto habilidade humana, é distinta da *ciência*, como uma faculdade prática é distinta de uma faculdade teórica, como técnica da teoria. Isso significa que, propriamente falando, a educação não é *ciência* mas *tradução* de experiências e conhecimento de uma geração a outra. Com efeito, escreve Kant, sobre as duas descobertas humanas que podem ser consideradas como as mais difíceis – “a arte de governar os homens e a arte de educá-los” -, apesar da grande cultura e da grande experiência que o conceito de educação supõe, “ainda se está a disputar sobre suas ideias”.

Nesse sentido, como implicação, ter-se-ia que, como arte, a educação não seria mecânica, pois que depende da experiência. Araújo (2011) pensa nessa perspectiva e afirma que é o humano que decide sobre o que a arte pode ser para sua percepção, o que nos permite inferir que a educação caminha nessa perspectiva: enquanto arte, é o homem quem dita o que ela deve ser, por isso, depende-se das relações entre os homens, incluindo relações intergeracionais. Para ela (2011, p. 319-320), a arte seria, em Kant, uma “[...] espécie de reduto de julgamento, seja do belo ou do sublime”. Contemplação e reflexão caminhariam lado a lado, estando a arte como um objeto estético que pode ser compreendido por meio da natureza.

É diante do susto ante as infindas multiplicidades de que a natureza dispõe que, como possibilidade, pode surgir o que Gerardillo (2011) chama de “sublime imaginação”, uma força misteriosa que não retrocede nem mesmo diante dos avanços da ciência. Essa imaginação pode ser potencializada no infante, inclusive na educação, como soltura das amarras que muitas vezes são impostas pedagogicamente.

Isso vai ao encontro do próprio conceito de razão em Kant, razão que, para Silva (2007), não pode abrir mão de ser criticada enquanto capacidade. Se a educação insere-se no campo da moral e também é arte, pode-se entender porque Kant a contrapõe à ideia de ciência: o homem não está posto como objeto e sim como sujeito da razão, logo, pode construir a razão como a própria arte, revisando-a, “esteticizando-a”, fazendo um giro reflexivo em torno de seu próprio eixo. É a ideia do “imperativo categórico”, conceito que “por meio do exercício crítico da razão, une o subjetivo e o objetivo, o individual e o coletivo numa mesma ordem” (SILVA, 2007, p. 33).

Mais uma vez, pode-se perceber a imbricação entre os termos. A infância é chamada a entrar no jogo, já que razão, educação e cultura entrelaçam-se desde esse momento, até que o jovem finde seu processo formativo. Também vemos a noção de corporeidade sendo inserida nessa dinâmica, tendo na educação física uma passividade (o que alguém faz com o corpo infantil no intuito de desenvolvê-lo), enquanto a moralidade entra no contexto de uma criança ativa (disciplinada e moralizada, mas com foco no que pensa e no que sente). Arte, em Kant, como se pode depreender

inclusive de sua ideia de razão, tem a ver com *finalidade*:

Quando se encontra um pedaço de madeira talhada, não se diz tratar-se de um produto da natureza, mas de arte: sua causa produtora pensou um fim ao qual deve ser sua forma. Vê-se uma arte em tudo aquilo que está constituído de tal sorte que, em sua causa, uma representação deve haver precedido a sua realização (KANT, 1980, p. 30)

Sendo a educação pensada para alcançar determinada finalidade, como uma representação antes de ser realizada, não se há de duvidá-la como arte. Wendt (2012) chega mesmo a encará-la sob dois primas: a arte de educar e a arte da educação. A primeira é compreendida como “[...] as ferramentas que cada geração encontra e agrega no processo educativo de acordo com as necessidades de seu tempo, na busca em desenvolver as disposições naturais”. (p. 14). Já a segunda é pensada como pedagogia, tendo sempre de ser raciocinada: “[...] Por um modelo raciocinado ele quer demonstrar que a educação deve seguir um plano, um caminho seguro que possa conduzir cada geração a progredir nos ensinamentos da que a sucedeu” (p. 14).

Ribeiro e Zancanaro (2011) também pensam a educação como arte por proporcionar ao homem o poder de ser dono de suas ações e de si mesmo, o que fomenta autonomia e liberdade: a autonomia pode ser ensinada e a liberdade pode ser aprendida. Arte porque a educação pode fazer uso dela para preservar a vida, alavancar a civilização e nortear princípios morais. É, mais uma vez, o homem sendo hominizado, como contraponto ao mundo natural.

Damasceno (2015) apontará em Kant uma constante busca de relacionar arte com as diversas manifestações da vida do homem. Para ela, a arte é instrumento de libertação, retirando o homem da natureza e voltando-o para o prazer. Nesse sentido, Lino (2008) apontará a arte, na visão kantiana, como similaridade com a Natureza, só que atravessada pela consciência humana: é o homem que significará a arte enquanto tal. A própria razão humana acionará a arte.

A natureza, objeto de desejo a ser superado pelo homem, não se curva perante o anseio do homem, posto que maior que este, mas o homem tenta, apesar da sua condição de inferioridade, e a arte o auxilia nesse desejo, nesse sonho de superação da natureza, e para tamanha pretensão se enquadra o sublime, que conduz o homem a outras esferas do espírito, que o eleva do plano puramente material, físico, palpável, para outro, diverso, acima deste, cuja inclinação aos sentidos é manifesta (DAMASCENO, 2015, p. 154).

Dessa forma, corrobora-se a aproximação entre arte e educação. Empreendeu-se um percurso que teve como ponto de partida a obra *Sobre a Pedagogia*, apresentando-se a arte como instrumento para a Pedagogia, no sentido de como a Pedagogia pode utilizá-la para o desenvolvimento do homem instruído e disciplinado. A arte funciona como mediadora no processo de “hominização”, desenvolvendo a razão e o juízo crítico, poderosa ferramenta da criticidade humana e do distanciamento entre disciplina e autoritarismo. A própria descoberta do corpo infantil faz-se atravessada pela arte, posto que a arte é desinteressada, tendo como objetivo o prazer ou o desprazer.

Assim, pode-se perceber como é de fundamental importância a filosofia, de modo geral, e a kantiana, de modo específico, para ressignificarmos as práticas realizadas nos dias atuais. Essa ressignificação é atividade essencial aos docentes em suas relações com estudantes, especialmente para com as crianças em seus processos de desenvolvimento e de relacionamento com a educação.

Considerações finais

O artigo objetivou trazer a discussão kantiana sobre a educação como arte, resvalando em questões ligadas à infância e à corporeidade. Para tanto, a leitura da obra *Sobre a pedagogia* mostrou-se imprescindível. Entendeu-se por indispensável também buscar subsídios no campo filosófico para pensar os desafios da contemporaneidade, por intermédio de um exercício de reflexão.

Um corpo a ser disciplinado desde a infância, para, em seguida, ser moralizado. Uma criança em vias de emancipação. Processos imbricados em uma educação que visa “hominizar o homem”. Educação vista como arte, já que, enquanto sujeito racional, o homem não pode ser posto, na perspectiva kantiana, sob o domínio científico. Arte porque em busca de uma finalidade, porque fruto do que o homem empreende entre gerações, porque idealizada e posta para julgamento estético diante do fascínio perante a natureza, geradora de imaginação e do próprio desenvolvimento da razão. Nesse sentido é que se pensa como os conceitos interligam-se e podem ser potencializadores, na atualidade, de uma reflexão prática para o trabalho educativo de docentes que agem cotidianamente para formar pessoas.

A infância, enquanto porta de entrada para a hominização, torna-se cenário de desenvolvimento dessas noções. Kant, no melhor estilo filosófico, ajuda a pensar questões postas no início desse artigo: Quem é a criança? Como deve ser educada? Que relações há entre o corpo desse sujeito e o que ele aprende? Por meio do processo artístico, o educador, em seu uso da razão, pode se apropriar do conhecimento produzido e refletir sobre as questões postas em nossa contemporaneidade, ao gosto do melhor estilo filosófico, no sentido de que propor questões pode ser até mesmo melhor do que respondê-las.

Percebeu-se, após análise da obra e de autores e autoras que versaram sobre o tema, porque Kant é considerado um clássico. A obra *Sobre a pedagogia* ultrapassa o momento em que foi produzida, servindo para pensarmos a educação no tempo presente, inclusive com foco em conceitos como arte, corporeidade e infância: a leitura do pensamento kantiano conduz a uma problematização do contemporâneo das práticas educativas, retraduzindo a criança como sujeito em plena potencialidade, o que torna o educador um mediador do que ela é e do que pode vir a ser. Isso é fundamental para o chamado a uma dimensão ética do trabalho docente, pois que implica pensar que infante queremos fornecer ao corpo social.

Isso levou a perceber, como principal conclusão, a necessidade da constante reflexão que a prática pedagógica requer. Nesse sentido, fundamental a crítica kantiana e da filosofia como um todo para a não naturalização de conceitos como os aqui trabalhados. Particularmente, nunca havia se pensado na educação como arte, apenas na arte como um instrumento para a educação. Perceber que a finalidade da educação necessariamente a implica como arte foi de fundamental importância para ampliar a percepção que se tinha do conceito. Entende-se como necessário deixar esse depoimento em tons mais pessoais, por ter sido gestado enquanto transformação fruto da reflexão filosófica.

Por fim, acredita-se que as questões levantadas nesse artigo e o objetivo proposto encontrarão sempre necessidade de novas indagações, reflexões e respostas provisórias para o sujeito cognoscente. Acredita-se que novos trabalhos sejam necessários nessa empreitada, ficando tal reflexão como sugestão para futuras pesquisas.

Referências

ARAÚJO, A. M. M. Kant, Heidegger e arte: notas por uma reflexão. **Problemata: R. Intern. Fil.**, João Pessoa, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/11650/6709>. Acesso em: 11 jul. 2018.

CANIVEZ, P. **Educar o cidadão?** Campinas: Papyrus, 1991.

DAMASCENO, J. C. A estética kantiana: o belo, o sublime e a arte. **Intuitio**, Porto Alegre, v. 8, n. 40, p. 9-32, 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/viewFile/18840/14206>. Acesso em 20 jul. 2018.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

_____. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Nacional, 1974.

FONTANELLA, F. C. Prefácio. In: **Sobre a pedagogia**. Piracicaba: Unimep, 2011. p. 7-9.

GIRARDELLO, G. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 72-92,

maio-ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n2/v22n2a07>. Acesso em: 12 jul. 2018.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. 6 ed. Piracicaba: Unimep, 2011.

_____. **Crítica da razão pura**. [Trad. Valerio Rohden e Udo B. Moosburger]. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

LINO, A. C. **Belo e sublime: a mulher e o homem na filosofia de Immanuel Kant**. 2008. 90f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Instituto de Filosofia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2008.

MENEZES, E; BOTO, C. Algumas notas sobre educação e ética à luz do pensamento de Kant. **Educação (Porto Alegre)**, Porto Alegre, n. 3, set.-dez. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/16740/12453>. Acesso em: 10 jul. 2018.

MULLER, F. Socialização na escola: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 32, p. 123-141, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602008000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jul 2018.

PERINE, M. A educação como arte segundo Kant. **Síntese: Revista de Filosofia**. Minas Gerais, v. 14, n. 40, p. 9-32, 1987.

RIBEIRO, S. A.; ZANCANARO, L. Educação para liberdade – uma perspectiva kantiana. **Revista Bioethikos**. São Paulo, v. 5, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.saocamillo-sp.br/pdf/bioethikos/82/Art11.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2018.

SILVA, L. A. KANT E A PEDAGOGIA. **Revista Inter Ação**, [S.l.], v. 32, n. 1, p. 33-45, dez. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/1393>. Acesso em: 28 jul. 2018.

WENDT, C. E. Iluminismo pedagógico: disciplina, educação e moralização em Kant. **Revista Espaço Acadêmico**, Rio de Janeiro, n. 134, jul. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/17679>. Acesso em: 15 jul. 2018.

Recebido em 29 de julho de 2018.
Aceito em 6 de novembro de 2018.